

Formação e vivência- de como Nietzsche impacta a educação

Formation and experience –
as Nietzsche impacts of education

Lúcia Schneider Hardt

UFSC

luciashardt@gmail.com

Danilo José Scalla Botelho

UFSC

daniilojsb@hotmail.com

Vilmar Martins

UFSC

vilmarmartins@hotmail.com

Resumo

Escolhemos Nietzsche. Pensamos nele *com gosto*. Seleccionamos a ideia de 'seleção' para pensar com Nietzsche a educação e os processos de formação. Inumeráveis nuances perpassam a ideia acima. A intenção não é responder questões. Tampouco respostas exatas, monolíticas, estacionárias. Intenta-se, isso sim, por meio do espírito livre, violentar as respostas tradicionais, violar as certezas, constranger os pré-conceitos. De novo formar-se.

Palavras-chave: Educação. Seleção. Espírito livre. Nietzsche.

Abstract

We have chosen Nietzsche. We appreciate his work and we think of him and his writings with joy. So we decided to discuss the act of 'selecting' in order to think with Nietzsche. There are innumerable nuances in this thought. Our intention is not to answer those questions, since we know there are no exact, monolithic, stable answers. We intend, so, to violate traditional answers, certainties, constraining prejudices. We want to have the right to select through personal taste. New form.

Keywords: Education. Selection. Free spirit. Nietzsche.

Palavras iniciais

A pergunta inicial mostra-se: ‘É o livre-arbítrio quem seleciona e escolhe em nós?’ Muitos afirmariam com ênfase: ‘sim!’. Temos mais cautela – e mais suspeitas. Principalmente quanto às crenças arraigadas. Embora pareça estranho, a “cabeça” não escolhe antes de tomar uma atitude; quando ela pensa que está decidindo, uma escolha anterior – orgânica, instintiva, via *Selbst* (si mesmo) – já decidiu corporalmente.

Surgem então algumas outras interrogações: A seleção é feita como e por quem? A primeira parte do texto – “Quem (como) avalia?” – discorre sobre isso. Será que o corpo, então, não tem papel algum no processo de escolha? Será que só a mente e o raciocínio escolhem? A segunda parte do texto – “A Escolha do Espírito Livre” – dialoga (e brinca) com essas indagações. A memória é boa e o esquecimento mau? A criança escolhe mal, posto que ainda não pensa bem? A seção “Da afirmação da criança – um corpo para o espírito livre habitar e outra formação nascer” debate isso, invertendo certezas convencionais. Quem Nietzsche seleciona como seus leitores? Ele rejeita qualquer tradição, apontando o martelo a ela(s)? A seção “Os leitores que Nietzsche escolheu para si” debate isso. Em que o tropo “além-homem” pode inspirar uma formação ou um(a) educador(a)? A seção “Educador e além-homem” trata disso. Que linguagem se afina mais com uma formação de “espírito livre”? A última parte do artigo – “Linguagem e Formação” – trata desse ponto.

Inumeráveis nuances perpassam cada dúvida acima. Cruzam com nossas “certezas” tão belamente construídas sobre o processo de formação. Se elas não são estanques, muito menos o serão suas respostas. A intenção não é responder às questões. Tampouco respostas exatas, monolíticas, estacionárias. Intenta-se, isso sim, violentar as respostas tradicionais, violar as certezas, constranger os pré-conceitos. Virar o que se sabe – ou o que se acha que se sabe – de cabeça para baixo: a cabeça não mais domina, mas um todo harmônico, hierarquizado a partir da vontade de potência.

Esperamos que você, leitor, leia este texto como um vaso vazio: aberto a se encher de água nova. Sem pressa e sem concepções julgadoras. Um leitor sem pressa, como desejou Nietzsche. Um leitor que acalme seus arbítrios e (segundas) escolhas mentais, a fim de dar ouvido a sua natureza primeira, seus afetos, seu

Selbst. Nessas ondulações infundáveis do vir-a-ser, a digestão do lido vai sendo feita. Sempre em movimento, ciclo após ciclo... Em um eterno retorno. O prato está à mesa: a filosofia nietzschiana oferece-se ao leitor “enquanto reflexão incessante, em permanente mudança” (MARTON, 2009, p. 251). Não se digere duas vezes a mesma comida. Bom apetite! Nem a mesma bebida. Saúde!

Nietzsche impacta a educação, à medida que não defende a formação de uma “segunda natureza” que castre a primeira, pois para ele o ser humano é um animal não fixado. Existe uma inesgotável plasticidade que se realiza inclusive no processo de escolha movido pelas múltiplas pulsões que rondam os humanos. Por segurança, por covardia, em função da sobrevivência inventamos pontos fixos, desejamos estabilidade, mas elas se modificam constantemente. Somos assim convocados a transvalorar, mover os valores arraigados, deslocar as concepções, para mais uma vez fazer uso da “[...] interpretação (a violentar, ajustar, abreviar, omitir, preencher, imaginar, falsear e o que mais seja próprio da essência do interpretar)” (NIETZSCHE, 2009, p. 130). Sempre de novo. E cada vez de outro modo.

Nietzsche impacta, pois, enfrenta a compulsão pela busca dos fundamentos, esse desejo metafísico de, por fim, explicar o que “a coisa é.” Nietzsche enfrenta as categorias da razão e, mesmo reconhecendo a necessidade de ordenar e explicar a realidade, é preciso conformar-se que o que fica inventado é, por fim, uma ficção. Nesse ponto, temos gosto de pensar com Nietzsche: a ideia da necessidade de um mundo fictício faz sentido, impacta a educação, pois transforma e educa a partir de outra perspectiva. Tomar a ficção como uma possibilidade é uma espécie de seleção para suportar a vida, pois cria sentido para a existência. Não suportamos viver sem nenhuma finalidade, então definimos possibilidades ficcionais. O impacto aparece quando precisamos reconhecer isso para calibrar a vida a partir dessa condição, sabendo que se trata de uma escolha, uma seleção, não de uma verdade. O vir a ser nos ronda o tempo todo e nos mostra que não é lícito confiar plenamente no que foi criado.

Quem (como) avalia?

Avaliar, em qualquer circunstância, significa o uso de valores – não existe inocência em avaliação. Talvez possamos desprezar esta condição, contudo

avaliação é interpretação, perspectivismo, disputa por lugares e espaços. Desta breve entrada no tema, cabe indagar-se qual o sentido da avaliação? Como avaliamos processos de formação? Como avaliamos o que andamos inventando para viver e para educar os outros?

Avaliação é escolha, portanto compartilhamos com os leitores um aforismo de Nietzsche para pensar a avaliação enquanto um campo agonístico, de luta, de embates conosco mesmos e com os outros, e – especialmente – com valores. Diz Nietzsche em Aurora:

A primeira natureza. Conforme nos educam hoje, adquirimos primeiro uma **segunda natureza**, e a possuímos quando o mundo diz que chegamos à maturidade, emancipados, tornados úteis. Somente um pequeno número é bastante serpente para largar esta pele um dia, quando sob sua envoltura chegou à maturidade a **primeira natureza**. Mas na maioria das pessoas o germe se atrofia (2008, p.220).

Neste contexto, formar tem sido cobrir uma primeira natureza de outra pele, dada como adequada, mais civilizada, inventada para aliviar e fazer viver. Afinal, o que existiria em nossa primeira pele para ser tão modificada? Mais impulsos vitais, menos cognição, mais afetos, menos controles e regulações? Formação implica, sem dúvida, um movimento, um deslocamento, um devir. Quando nascemos, ainda não fizemos muitas travessias, existe um horizonte largo a ser conhecido. Mas qual o deslocamento e movimento preferencial?

Tomando a estratégia nietzschiana – a genealogia –, cabe verificar como (e quais) valores tomam espaço em nossa prática, produzindo declínio ou crescimento. Quando tomamos nossa primeira natureza com o intuito de desprezá-la, torná-la nociva, rústica, tosca, acabamos desejando convertê-la em algo melhor. Travessais equivocadas, embaladas pela ideia do bem e do mal, ainda materializadas por processos educacionais.

Maturidade, emancipação, inserção social: termos de uma educação eficiente em dar aos humanos sua segunda natureza. A primeira teria atingido a maturidade se não tivesse sido morta antes disso. Maturidade aqui entendida como um processo vital, tal como as serpentes que, vivas como nós, acabam – com o tempo – dando visibilidade ao brilho dos inícios, ao brilho da vida bem andada e vivida.

Como intérpretes das travessias, devemos destacar as vivências. Como educadores, o que fazemos com a primeira natureza? Como a contemplamos? Ou o tempo todo ficamos em busca dos fundamentos de uma outra natureza, (como se fosse) capaz de criar homens e mulheres melhores do que são, do que foram e do que poderão vir a ser?

A Escolha do Espírito Livre

Para Scarlett Marton, “ao ‘escolher’ filosofia, não me lancei na literatura; ao ‘escolher’ Nietzsche, não me acerquei de Sartre; ao ‘escolher’ o comentário, não me dediquei à interpretação” (MARTON, 2004, p.23). De modo similar, ao ‘escolhermos’ o espírito (livre), presume-se que abdicamos do corpo. Não é o caso. Menos ainda em Nietzsche. Nele, ao se escolher o espírito, escolhe-se *ainda mais* o corpo: “Instrumentos e brinquedos são sentidos e espírito: por trás deles está o *Selbst* (si mesmo). Em teu corpo habita ele, teu corpo é ele” (NIETZSCHE, 2011, p.35). Aliás, dessa perspectiva, o grande guia do processo de escolha é o corpo – não a mente, o espírito ou o ‘livre-arbítrio’. Não se escolhe pelo pensamento, mas pela organicidade. A Grande razão. A não ser que se subverta a concepção metafísica de pensamento – e *o corpo todo passe a pensar*.

Em Nietzsche, o pensamento é corpo, que é outra coisa que normalmente entendemos como corpo. Implica reconhecer as pulsões, os instintos, as categorias ficcionais, o desejo de explicar para viver com mais segurança. O corpo é a primeira natureza em movimento: não quer deixar-se atrofiar, por isso apresenta-se em múltiplas perspectivas.

Quando escolhemos reativamente – A em detrimento a B –, escolhemos de forma limitada, mesquinha e tacaña. Quando escolhemos ativamente – A por gosto/necessidade por A –, escolhemos bem, pois exercemos nossa vontade de potência. Assim, nem todos escolhem “*bem*” – os de ‘grande saúde’ conseguem essa proeza de ‘sempre escolherem instintivamente os meios corretos contra as situações graves; já os decadentes costumam escolher sempre os meios prejudiciais a si mesmos’ (NIETZSCHE, 2007, p.25). *Escolher instintivamente* – não passa pelo ‘livre-arbítrio’, outra ilusão que fortalece a ‘dominação sacerdotal’ via *culpa*. As

escolhas – já que instintivas – não poderiam ter sido diferentes. Não é questão de ‘bel-prazer’, e sim de *necessidade*.

A ilusão do livre arbítrio serve à dominação sacerdotal quando parte do pressuposto de um sujeito livre, que opta (por meio da razão intelectual), ciente de sua opção, portanto apto a arcar com as consequências dela; em suma, um sujeito passível de ser responsabilizado, ou seja, culpado e punido. Não estamos nos isentando da responsabilidade das nossas escolhas, apenas não queremos arcar previamente com o efeito delas; escolhemos instintivamente, sem determinar previamente o efeito da escolha.

Escolher bem implica dizer que o suposto “bem” não está nas categorias da razão, dadas como objetivas, claras e definidas. Escolher bem implica dar ouvido à organicidade e utilizar-se de categorias ficcionais para suportar viver, enquanto somos tomados por múltiplas pulsões capazes de nos levar para direções de toda ordem. Contudo essa escolha sabe de suas contingências e reconhece que existe muito mais vida do que aquilo que ficou ordenado e inventado. Ordena, é bom dizer, aquilo que se faz necessário, aquilo que nos quer por diante da vida e de suas necessidades.

Embora muitas vezes o engano, o erro, a astúcia, a dissimulação e a mentira sejam tratados como escolhas do livre-arbítrio’, eles não passam de *necessidade (corporal-orgânica) do homem*. A escolha, nesse caso, recairia entre admitir essa *necessidade* – os espíritos livres o fazem, dando “voz” a ela – ou negá-la e depreciá-la – os decadentes-doentes o fazem, todos instintivamente. Como ‘Todo ser orgânico age como o artista’. (NIETZSCHE, 1948, p.289), a dissimulação e a astúcia fazem parte, necessariamente, do mundo orgânico. Afinal, como lidar com as formas exteriores ao ser orgânico, variadas e múltiplas, sem incerteza e vagueza? Pois eis aí, nessa incerteza, que sua potência se faz: na necessidade de errar, vaguear, enganar-se, tatear. Em outras palavras, na necessidade de provar, degustar; isto é, experienciar, experimentar – aquilo de que o corpo necessita. A astúcia, dessa perspectiva, pode ser vista em toda sua inocência e espontaneidade. Ela não provém de uma operação premeditada. É uma necessária ilusão fundamental, na qual ‘o ser vivente não pode se apresentar senão outro que ele não é’ (HAAR, 1998, p.17) – Dionysos transformando-se.

O ‘torna-te quem tu és’ de Píndaro – e subtítulo de *Ecce Homo: de como a gente se torna o que a gente é* – permanece lição para toda vida. Enganar a si e aos outros é condição *sine qua non* da vida, não só dos homens. Se as aparências são disformes e incontáveis, aparecer e viver já significa fiar-se a uma perspectiva estreita – por maior que esta for: ou seja, uma ilusão, um engano, uma mentira – em toda sua pureza. Daí a máxima nietzschiana: ‘O erro, mãe do vivente’ (NIETZSCHE, 1948, p.236). Escolher mal, desse viés, não é errar: é, isso sim, selecionar – por *fraqueza instintiva* ou fisiológica – o que prejudica a si, a seu próprio corpo. Escolher amordaçar – tentar matar – os instintos e pulsões corporais equivale, assim, a autoflagelo; mortifica, enfraquece o corpo, prejudicando-o. Negar ou recriminar a mentira e a astúcia seria o quê, então? Escolhe-se mal, portanto. Ainda que a escolha seja feita sem erro e dissimulação – *como se fosse possível*. Melhor reconhecer – vivenciar – as pulsões, errar e dissimular: beneficiando o corpo, sendo *saudável*, escolhe-se – com *força* – bem.

Nesse ponto do texto, não estamos em defesa de trocar uma escolha por outra, mas sim intentamos perceber como aquele que vive é convidado, sem prévio aviso, a colocar-se diante da vida. Adoecer significa servir-se unicamente das categorias da razão; fortalecer-se talvez implique fazer uso de muitas outras categorias – corporais, instintivas, afetivas – ao lado (e antes) da própria razão, para viver e formar-se no tempo e diante das experiências que a vida oferece.

Em tudo isso – na escolha da alimentação, de lugar e clima, de distração – reina um instinto de autoconservação que se expressa da maneira mais inequívoca como instinto de *autodefesa*. Não ver muitas coisas, não ouvi-las, não deixar que se acerquem – primeira prudência, primeira prova de que não se é um acaso, mas uma necessidade. A palavra corrente para esse instinto de autodefesa é *gosto*. Seu imperativo obriga não só a dizer Não onde o Sim seria um “altruísmo”, mas também a *dizer Não o mínimo possível*. Separar-se, afastar-se daquilo que tornaria o Não sempre necessário. (NIETZSCHE, 2007, p.44)

Sabendo que *todo o organismo pensa*, o espírito livre, reconhecendo-se orgânico, atua tornando-se o que se é, ou seja, agindo organicamente: assimila e rejeita, através de domínio, submissão, louvor, censura, astúcia – ‘*o homem forte e livre age à maneira de um organismo*’ (NIETZSCHE, 1948, p.248). Uma das genialidades de Nietzsche foi tomar a vida como faculdade de *incorporação*

(*Einverleibung*), na qual a nutrição é o elo: “o que chamamos ‘vida’ é uma pluralidade de forças religadas por um fenômeno de *nutrição* que lhes é comum.” (NIETZSCHE, 1948, p.289). Para se nutrir, o ser vivo tem que ser capaz de apetite e sensibilidade, mas não só; há de, sobretudo, avaliar, *escolher*, assimilar e eliminar. Em resumo: ter *gosto apurado*, ou ainda, ser capaz de *pensar* – via *organismo*.

Assim não estamos diante de uma inversão de posição, inversão de uma escolha, mas diante da possibilidade de usar de muitos recursos sem preocupar-se com os rigores de leis fundamentais próprias de uma segunda natureza.

Se a criatura realmente pensa, não é sua cabeça que deve raciocinar e comandar, todo seu organismo pensa: *avaliando, escolhendo, assimilando e eliminando* – não é isso que um *gosto sadio* faz? O pensamento, nessa perspectiva, é a *arte da nutrição*: um *gosto saudável*. Os decadentes seriam, portanto, malnutridos – e de muito *mau gosto*! Dessa forma, doentes: fisiologicamente fracos, raquíticos. Não é, então, só por falta de comida que se passa fome – os *ascetas* que o digam. Nem só por falta de opção que se tem um gosto atrofiado: os *niilistas* que o digam.

Assim como a nutrição é processo indispensável do orgânico, o gosto – formado por uma unidade provisória no embate de pulsões – é processo indispensável na escolha. Quanto mais Deus – esse Deus único, cristão, pois quantos ‘*outros deuses* ainda são possíveis’ – efetivamente estiver morto (e com ele todos os ideais ascetas contrários à vida), mais o *corpo vivente* assumirá o lugar do ‘espírito absoluto’. A consciência – ‘pequena razão’ – perde seu posto de soberana para ser súdita: nada mais que um mero órgão à parte dos processos conjuntos desenvolvidos no corpo, um instrumento parcial que tem e que passa a ilusão de reinar, mas não governa. Apenas ‘*executa escolhas e decisões* já adquiridas em profundidade’ (HAAR, 1998, p.22). A ‘grande razão’, o corpo, que jamais cessa de sutil e espontaneamente relacionar os *quanta* de forças ou pulsões, combinando – segundo sua melhor conservação e crescimento – o conjunto dessas forças. O que emerge à consciência, como afinidades e repulsões, pode ser simplesmente o reflexo de um momentâneo equilíbrio na arena das pulsões. Por isso ‘O que atribuímos comumente ao *espírito* me parece compor a essência da vida orgânica’ e ‘Os pensamentos são o que há de mais superficial’ (NIETZSCHE, 1948, p.238).

A capacidade do corpo – o ‘artista das nuances’ – em diferenciações, simultaneidades, encadeamento, sucessão, consecução, precisão, leveza e detalhamento é infinitamente superior aos conceitos inteligíveis, como ‘espírito absoluto’, ‘Deus’, ‘razão pura’, ‘livre-arbítrio’ e outras megalomanias. O pensamento orgânico dispõe de sutilezas e nuances tão refinadas a ponto de captar as infindáveis ondulações do vir a ser, a multiplicidade do devir, sem enrijecê-lo em palavras, conceitos, lógicas ideais, cartesianas ou quaisquer outras identidades arbitrárias. Quem escolhe bem tem, portanto, bom gosto – *e seu corpo pensa*. A escolha do espírito livre. Um organismo de grande saúde: são, sadio, saudável. E o livre-arbítrio? ‘A lógica de nosso pensamento consciente não é senão *uma forma grosseira e simplificada deste pensamento de que nosso organismo, e bem mais cada um de seus órgãos particulares, tem necessidade*’ (NIETZSCHE, 1956, p.22).

Educador e além-homem

Nessas circunstâncias pretendemos, inicialmente, vincular dois conceitos apontados por Nietzsche: educador e além-homem. Por fim, recuperar o sentido da metáfora da criança, utilizada por Nietzsche, para fazer pensar os processos formativos. E como relacionar estas duas ideias preservando-se da verdade? Não está em questão apresentar um educador que, ao resistir aos modelos vigentes, crie outro modo de ser, tão amplo, tão único que poderá tornar-se a nova referência. O “gênio em obra, em ato é um esbanjador”, ele gasta a si mesmo para afirmar sua singularidade. Ele ainda não se apresenta integralmente, mas seus fragmentos já são uma novidade. Deseja estabelecer a beleza no entendimento que ela se apresenta, como uma expressão da expansão da vida que está se esbanjando. Diz Nietzsche:

Nada é belo, apenas o ser humano é belo: toda estética se baseia nessa ingenuidade, ela é sua verdade primeira. Acrescentaremos de imediato a segunda: nada é feio, exceto o ser humano que degenera – com isso delimitamos a esfera do julgamento estético. – Fisiologicamente, tudo o que é feio debilita e aflige o ser humano. Recordá-lhe o declínio, perigo, impotência; faz com que realmente perca energia. Pode-se medir com um dinamômetro o efeito do que é feio. Sempre que alguém está abatido, pode sentir a proximidade de algo feio. Seu sentimento de poder, sua vontade de poder, sua

coragem, seu orgulho – tudo cai com o feio, aumenta com o belo...
(NIETZSCHE, 2006, p.75)

O declínio do tipo humano, diz nosso autor, é que baliza o feio e o belo. Mas existe reação a esse declínio que pode dar-se pela Arte. Nesse empenho humano, não existe semelhança, a igualdade é própria do declínio, pois desconsidera o *pathos da distância*, necessário para o cultivo de si. A liberdade nasce desse contexto e implica uma vontade de responsabilidade por si própria. Assim, o “ser humano que se tornou livre, e tanto mais ainda o espírito que se tornou livre”

(...) pisoteia a desprezível espécie de bem-estar com que sonham pequenos lojistas, cristãos, vacas, mulheres, ingleses e outros democratas. O homem livre é guerreiro – Como se mede a liberdade, tanto em indivíduos como em povos? Conforme a resistência que tem de ser vencida, conforme o esforço que custa ficar em cima. O mais elevado tipo de homens livres deve ser ali onde é continuamente superada a mais alta resistência: a cinco passos da tirania, junto ao limiar do perigo da servidão. (NIETZSCHE, 2006, p.88-89)

Pode-se indagar: como seria esse movimento, considerando o educador? Também o educador deve desejar conhecer, e nessa direção o espírito científico precisa ser preservado. Precisa ser testado, enfrentado, não apenas consumido. E essa curiosidade em relação ao conhecimento exigirá rigor, empenho, leitura, vagar com as palavras, com vistas a compreender o quanto elas nos capturam. A exuberância da vida nos consola, mas o desejo de vivê-la implica rigor e arte.

Nesse contexto, fica indicada uma espécie de função da Filosofia para a educação: fazer o estudante ruminar sobre seus pensamentos, suas práticas, para aniquilar a mediocridade onde for possível. O educador em nosso país certamente pode falar da dor em suas mais diferentes dimensões. Como efetivar uma plasticidade artística a esse mundo estranho no qual estamos inseridos? Como organizar o caos e dar estilo a uma vida decorada, artificial pelo comum e único? Como, seguindo as reflexões de Meléndez (2006), desmoronar a cultura decorativa? E acrescentamos: como desmoronar a cultura artificial da educação que dissemina discursos únicos, apregoa a justiça e dá visibilidade apenas ao comum?

“O que é medíocre no homem comum?”, segundo Nietzsche, é a falta de compreensão da outra face das coisas; nem sempre o caráter típico de uma coisa dá conta de falar sobre ela, mas dá conta de abolir o que existe além dela. Nessa

direção Nietzsche é tão intrigante, pois vai afirmar que não basta a contraditoriedade e nem a multiplicidade de perspectivas para deixar de ser medíocre. Ampliar pode significar fragmentar, pode fazer o indivíduo perder-se e não vencer o máximo de diversidade, ficando sem estilo.

O estilo advém de nossa capacidade de esbanjar vida para continuar interpretando o que insiste em nos ajustar. Retorna aqui o conceito grego de cultura, a saber, uma equação que implica o viver, o pensar e o querer. Disso surge outra natureza, mais sofisticada, que enfrenta nossa primeira condição e faz desmoronar a cultura decorativa.

O estilo de Nietzsche é criar curiosidade, fazer provocações, mas deixar claro ao leitor que ele está diante de uma perspectiva, que não autoriza o relativismo, mas convoca o “estranho” leitor a encharcar-se desses argumentos, para aproximar-se de sua concepção e discuti-la. Seu estilo, em um dado momento, elabora a ideia do eterno retorno para, de forma mais clara, combater o idealismo. Afinal, o curso do mundo não está condicionado pela vontade de deus, nem por um plano do progresso e esclarecimento, tampouco por uma espécie de esperança numa justiça plena. Seu combate indica outra posição: nada se espera, pois a beleza está em encarar a existência tal como é, destituída de sentido e finalidade, mas retornando sempre para colocar diante de nós a contingência da vida que, novamente, pode ser bela, sempre que livre do moralismo. O eterno retorno do mesmo se repete, mas exige do indivíduo vontade de potência, para que possa superar a si mesmo. Livrar-se de experiências anteriores para aderir ao devir, em todo seu mistério, que convoca nossa criatividade. O amor ao destino é, em parte, o *amor à Terra*; amor que, ao criar, deseja o retorno do mesmo. O amor ao voo das andorinhas, assim como ele se apresenta cada vez e em cada tempo. O amor a uma turma de alunos cada vez, sem expectativas de repetir a experiência vivida, mas disposição para vivê-la outra vez e de outro modo.

Os leitores que Nietzsche escolheu para si

Nietzsche sabe que seu texto é perigoso, exige uma leitura lenta e corajosa, além de um cuidado para que não seja aprisionada em sínteses apressadas. Espera

que seus pensamentos não caiam em mãos indevidas e, para isso, manifesta objetivamente uma preferência pelos leitores que desejaria para si.

Nietzsche, em *Ecce homo*, nos oferece três atitudes que esperaria de seus leitores: a calma – o ler sem pressa, a não intromissão no texto, o não trazer a sua própria formação ao texto –, o ler simplesmente e o não ter expectativas de conclusões. O leitor desejado deve, inicialmente, compreender o gosto daquele que escreve, desejar saber as escolhas que fez, o caminho que percorreu, sem interferências. Invadir precocemente este espaço é não ler, é produzir um terreno confuso, onde aquele que lê parece querer ser reconhecido. Ler Nietzsche é uma luta contra a universalidade, ele não deseja contemplar a todos, ele quer ser lido por quem deseja compreendê-lo. Nestes termos, vale mesmo também não ser compreendido. Nesses termos, por onde ficaria o espírito livre? Está ao lado da probidade intelectual, ou seja, daquele que “sabe ler sem deformar” (PASCHOAL, 2012) para, depois, por meio de uma prática de independência, sentir-se capaz de também interpretar tal como o próprio autor. Nietzsche não deseja discípulos, pensa em leitores fortes, curiosos – mas jamais apressados – e, assim, solicita, do leitor, primeiro uma honestidade em relação ao texto que decide conhecer.

Pertencemos a uma civilização privada da possibilidade de escolha – a seletividade ficou subsumida por um instinto gregário que, supostamente, protege-nos, nesse caso escolher é aproximar-se do que é mais comum, mais genérico, mais agregador. Sair desta fronteira é perigoso, desviamos do caminho reto e perdemos a identidade. Mas o que é o gosto para Nietzsche? Como aprender sobre isto lendo sobre suas escolhas?

Escolher inspirar-se em Nietzsche no campo da educação significa desejar descobrir uma pele mais original, imune às conveniências, para caçar possibilidades de criar vivências significativas, capazes, de fato, de formar outra vez sujeitos que foram excessivamente ajustados às expectativas mais comuns de inserção social.

As instituições não ensinaram o homem a selecionar, escolher. Educar e disciplinar significou criar uma criatura capaz de fazer promessas e armazenar informações. A tendência é produzir no humano uma máxima: “*tu deves*”, que o levará a cumprir a promessa e se livrar da má consciência. A força que pode agir no sentido contrário chama-se esquecimento. Escolher esta habilidade é dar ao organismo a oportunidade de cultivar algo novo e recusar certas promessas e

determinadas informações. Segundo Nietzsche, nenhuma felicidade, serenidade, jovialidade ou gozo será possível sem a faculdade do esquecimento.

Uma espécie de antídoto inventado pelos moralistas foi a memória. Era preciso controlar o esquecimento em função de interesses coletivos. O desejo de proteção deveria produzir no homem atitudes previsíveis e comprometidas com a coletividade. Mais uma vez reprime-se um instinto, o instinto do esquecimento, que é uma forma de saúde, de força para criar. O homem deve se prender ao que prometeu, para viver um futuro mais seguro, e o corpo fica pressionado a lembrar; deve rejeitar o que deseja, deve ser amansado. O corpo útil aprende rápido a quem obedecer; caso contrário, sente-se desprotegido e só.

Não obedecer significar ficar fora da lei, perder a proteção; e mais, perder a piedade e compaixão de sua comunidade. Diante deste cenário, o que escolher? É perigoso seguir com Nietzsche, depois de ser seu leitor. Deve-se conhecer o tamanho do próprio estômago, de qual refeição somos capazes. Cada um deve descobrir sua medida, apenas convém sempre lembrar que, independente da escolha, o corpo estará comprometido.

Criar no homem um sentimento de falta, de *déficit*, de dívida faz o homem ter medo e, ao torná-lo acuado, ele oferece seu corpo a qualquer preço para retomar um suposto bem-estar: uma vida calculada, controlada, sem espontaneidade, responsável. A vida passa a ficar ligada ao dever, e a memória o lembra do castigo. Já não mais arrisca. Ajustou-se visando à paz; teme o imprevisível, o improvável, a morte. Para suportar este estado de coisas, inventa e cria falsas certezas, coloca sua vida no futuro, sem vivê-la em tempo presente.

Da afirmação da criança – um corpo para o espírito livre habitar e outra formação nascer

Segundo Nietzsche, a criança retém menos do passado, esquece mais facilmente, o que deseja é jogar com a vida. Ao esquecer, a criança torna possível a alegria, a afirmação do tempo presente. A metáfora da criança estabelece o retorno dos instintos, do corpo ainda sem tanta memória. Nietzsche destaca esta fase exatamente por ela ainda não ter sido totalmente moldada, tampouco ter conhecido

a culpa e o ressentimento. Pode nos ensinar novamente a escolher, reconhecer o próprio gosto, para marcar e definir outros itinerários. O corpo aparece mais livre e capaz de arriscar-se em vivências.

A presença da criança, como diz Larrosa, é sempre uma presença enigmática. Assim como ela se apresenta e pode ser reconhecida, também nos escapa. A soberba de quem imagina tudo saber sobre a criança não se sustenta, já que ela se põe no mundo como alguém inquieto, sempre curioso e capaz de uma alegria sem precedentes. Própria de uma natureza mais instintiva, pouco ajustada e domesticada. Ser anfitrião da criança exige, portanto, uma hospitalidade mais aberta, espaçosa e arejada. Imaginamos muito saber da criança para educá-la, mas ela é também um outro que ainda não conhecemos. Será preciso observá-la, escutá-la, abrir um espaço para que possa chegar e – de fato – surpreender. A criança é o absolutamente novo, que “dissolve a solidez de nosso mundo e que suspende a certeza que temos de nós próprios” (LARROSA, 1998).

A criança sabe degustar, saborear o seu tempo de acordo com seu gosto e alegria. A inocência da criança é oriunda da ausência de dívidas, de pecados, ela ainda não conhece esta lógica. Para proteger o gosto, o direito à escolha, seria importante proteger a criança e deixá-la esquecer. A seriedade e a jovialidade do homem adulto poderiam ser reencontradas na criança capaz de jogar e se alegrar espontaneamente. A criança tem vontade e não se envergonha dela. Tem gosto e corre atrás do que lhe dá prazer. Ela está livre das “próteses”, criadas pela modernidade visando alcançar uma felicidade pasteurizada.

Assim a tradição não é o oposto da contemporaneidade, não impede a reflexão sobre o presente. A tradição, em qualquer perspectiva filosófica, bem como em qualquer dimensão cultural, é um recurso utilizado para explicar nossa inserção na história, como poderá ser um recurso para reeditar esta inserção considerando os desafios atuais. A tradição é uma espécie de memória que foi escolhida para ser preservada.

A estética de Nietzsche nasce da vida, está baseada na afirmação de que a vida pode nos satisfazer pela sua própria condição. Esta ideia vem da tradição grega, mas certamente existe em outras culturas com outros formatos. Importa conhecer e estudar a vida em determinados momentos históricos e culturais. Para existir uma reflexão nova sobre a vida, será preciso outro estilo, outra linguagem,

outra experiência. Assim o estético em Nietzsche jamais significará seguir os parâmetros do belo, da sensibilidade, do arranjo inventado para impressionar. O estético nasce de uma força, de uma vontade de potência, a qual deseja afirmar a vida para reinventá-la sempre que necessário.

Movido pelo ímpeto agonístico da vida, Nietzsche escolhe a interpretação para dialogar com a tradição, pois, por meio da interpretação, é possível “aprender de novo a ver”, um olhar metuculoso que não fica seduzido pela tradição, mas, ao se distanciar, percebe excessos, ranços, desvios. Assim se sente encorajado a tocar a tradição, a memória, a fim de escolher o que guardar, o que “de novo ler”, para então falar e escrever à moda de uma dança e uma nova vida. Trata-se de uma outra vivência, outra formação.

Linguagem e formação

A abordagem nietzschiana da linguagem dialoga com sua crítica à moralidade, à metafísica e à verdade. Para Nietzsche, nós inventamos a linguagem e, como o corpo fica em geral expulso das experiências sociais, o que assistimos é uma linguagem lógica, decadente e empobrecida. Linguagem como instrumento para aprisionar o sujeito.

Visando fugir das amarras da linguagem, é preciso um cúmplice: talvez as ondulações dos espíritos livres, capazes de tantas artimanhas e deslocamentos que acabam por garantir uma presença sempre renovada do devir. Um devir que conheceu o corpo esquecido, estranhou uma memória que tudo armazena, estranhou a ausência do esquecimento como fruto da seletividade humana; mas celebrou a inocência de um corpo-criança, capaz de outras linguagens e outras experiências, já que seu espírito ainda é livre.

O espírito livre conhece o valor da interpretação, que possibilita libertar-se das palavras, observando que estas são utilizadas como expressão da “vontade de saber”, este saber a qualquer custo, niilista, que subjuga a vida e o corpo pela razão. Nessa crítica às palavras “duras como pedras”, o espírito (agora) livre nos devolve os pés ligeiros e o giro da dança.

A tradição, em sua trajetória, converteu-se em costume para evitar ações individuais. O homem individual é visto como imoral, pois quer depender de si

mesmo, não de uma coletividade. A dimensão moral do ser humano fica configurada pelo esforço em seguir os costumes e, ainda mais, em estabelecer e consolidar um tipo de sociedade e de cultura. E este tipo de cultura não quer mais permitir outras experiências, pois outra vivência pode resultar em outros costumes. A moralidade que se opõe a (que se façam) novas experiências, alteradoras e rompedoras dos costumes, embrutece a formação humana.

Não seriam estes também os desafios de um educador? Formar, deixar nascerem espíritos livres, recusar e escolher, assim como produzir linguagem? Viver intensamente as ondulações de um espírito que, ao se fazer leve, é capaz de perceber nuances e detalhes, para criar seu próprio estilo de ensinar, aprender e conviver? Das ondulações, ensaiar plasticidades de um devir que vai em busca das medidas, dos passos de dança, da capacidade de jogar e criar de um corpo que, então, decide pensar e, assim, nutrir-se de suas escolhas, para viver experiências singulares? Talvez isso possa ser mesmo o processo de formação que ainda impacta o campo da educação.

Palavras finais

Para retomar a provocação inicial – “como Nietzsche impacta a educação?” –, parece que temos temperos suficientes para alcançar um leitor não apressado, deixando que cada um faça a digestão como lhe aprouver, porém se faz necessário concluir...

Como concluir algo que está em constante fluxo e movimento? Talvez apresentando uma conclusão provisória que sempre se transmuta, a partir de universais contingentes, ou seria isto apenas uma fuga retórica para cumprir um protocolo?

Pensamos que Nietzsche impacta a educação quando “inocenta” nossas ações, sugere que precisamos fazer muitas travessias, inclusive cruzar (e defrontar) com a nossa compulsão: a unidade aos fundamentos, que acaba orientando tantas das nossas ações como educadores. Nesses termos, não precisamos ser consertados, arrumados, mas jogados como corpo vivo diante de tantos outros, para compreendermos escolhas vividas, tanto por necessidade quanto por autodefesa ou segurança.

Saber-se um animal sem perspectiva de fixidez desarruma nossa ideia de educação, faz-nos ser tomados pela vida de outro modo e, inclusive, rir de nossa própria sisudez, quando imaginamos tudo ordenar e controlar. Repetimos, não estamos diante de uma inversão de possibilidades, de uma escolha que antes era de unidade, e agora seria da pura dispersão. Estamos diante de muitas perspectivas, sendo convidados a utilizá-las com criatividade, ainda que viver implique contingencialmente dar ao devir um tanto de estabilidade.

Nietzsche impacta a educação quando nos possibilita escolher de forma mais ampla, versátil e flexível, compreendendo as nuances das escolhas possíveis, cientes de que, para além dos critérios objetivos e intelectuais, nossas escolhas ocorrem organicamente, a partir de gosto e experimentação. Ter gosto de viver assim é tomar Nietzsche como um interlocutor para pensar a educação.

Nietzsche impacta sim a educação, incentivando-nos a conhecer o valor do esquecimento, não exclusivamente da memória, como nos ensinaram. Em uma sala de aula, faz-se necessário: esquecer para não repetir fórmulas prontas, esquecer para não partir do pressuposto de que uma única situação determina o todo, esquecer para reinventar-se e estar aberto ao novo, esquecer para novamente recomeçar, esquecer para reduzir a culpa, esquecer para não visar a recompensas imediatas.

A educação é o campo da massificação por excelência, o campo do comum, do usual, do tornar velho o novo, do domesticar. Nietzsche deseja perverter esta lógica e tornar a educação o campo da nuance, do risco, da experimentação, da afirmação, do riso e da ironia.

Neste crepúsculo dos ídolos, que é o campo da educação, onde velhos deuses morrem cotidianamente e nem sempre novos deuses nascem, falta-nos um martelo para melhor dialogar com tais ídolos pedagógicos. A filosofia de Nietzsche se apresenta como este martelo, pois, para construir, faz-se necessário destruir. Estamos dispostos a este risco?

Referências

HAAR, Michel. Vida e Totalidade Natural. *Cadernos Nietzsche* 5, p. 13-37, 1998.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana – danças, piruetas e mascaradas*. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

MARTON, Scarlett. *Extravagâncias: Ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial e Bancarolla, 2009.

_____. *A Irrecusável busca de sentido*. Ijuí: Unijuí, 2004.

MELÉNDEZ, Germán. Homem e estilo em Nietzsche. In: MARTON, Scarlett (Org.). *Nietzsche abaixo do Equador. A recepção na América do Sul*. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

_____. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2009.

_____. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

_____. *Crepúsculo dos ídolos, ou, Como se filosofa com um martelo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

_____. Wille zur Macht, Kröners Taschenausgabe, Alfred Kröer, Stuttgart, 1956. In HAAR, Michel. Vida e Totalidade Natural. *Cadernos Nietzsche* 5, pág. 13-37, 1998.

_____. *La Volonté de Puissance*, trad. G. Bianquis. São Paulo: Gallimard, 1948.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. *A arte de ler nuances*. In: Azeredo, V. D.; SILVA Júnior, I. (Org.) *Nietzsche e a interpretação*. I ed., Curitiba, Pr; Coleção Nietzsche em perspectiva (volume I) - coedição: São Paulo, SP: Humanitas, 2012.

Submetido em 12-30-2014, aprovado em 5-3-2015